

GORDOFobia MÉDICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS EFEITOS DE SENTIDO EM DISPUTA SOBRE O SER GORDO

VIRGINIA BARBOSA LUCENA CAETANO¹; LUCIANA IOST VINHAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vicaetano24@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com (orientadora)*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Por se tratar de uma pesquisa em fase de desenvolvimento, apresentaremos algumas questões basilares sobre o tema em estudo, destacando a relevância social de pensar os discursos sobre a gordofobia, em especial no contexto médico-clínico. Também abordaremos a necessidade de construir dispositivos de análise que permitam compreender o funcionamento dos discursos sobre o corpo gordo na formação social capitalista, uma vez que este, por estar fora do padrão corporal normalizado, é, em diversos contextos, negado e estigmatizado.

Uma das questões incontornáveis que envolve o processo de estigmatização dos corpos gordos é a patologização da obesidade. Embora os estudos sobre as implicações do excesso de gordura corporal aconteçam já há alguns séculos e as descobertas científicas tenham apontado para uma série de possíveis transtornos decorrentes do excesso de peso, até poucos anos, a obesidade não era considerada uma patologia. Foi a partir de 2013 que a American Medical Association (AMA) passou a declarar a obesidade como uma doença. Os argumentos que justificam essa resolução estão relacionados às possíveis facilidades em atendimento e acesso a tratamentos que surgiram do reconhecimento da obesidade como uma patologia. Os critérios para essa decisão, portanto, foram clínicos, não levando em consideração as implicações sociais e subjetivas que essa patologização poderia ter em relação aos sujeitos com sobrepeso.

Nesse sentido, Poulain (2013, p. 35) sustenta que, embora haja diversas doenças que afetem a população de modo socialmente diferenciado, a obesidade tem uma implicação muito particular: “a estigmatização tende a transformar a vítima em culpada e constitui assim um fator de agravamento”. É importante destacar que a patologização da obesidade é apenas um elemento do complexo processo, histórico e social, de estigmatização do corpo gordo. Um olhar atento aos discursos que circulam, especialmente nas mídias, sobre o corpo gordo possibilita a interpretação de que a estigmatização se sustenta em questões estéticas, mas usa argumentos do discurso da saúde para produzir efeito de legitimidade.

Em um contexto de denúncia e resistência à circulação dos discursos que colocam o corpo gordo como doente *a priori*, surgiu, em 2018, a campanha #gordofobiamedica. A hashtag foi colocada em circulação, nas redes sociais virtuais, pela jornalista Flávia Duarte, enquanto recolhia depoimentos para uma matéria que escrevia na época para sua coluna no portal UOL e viralizou rapidamente no Twitter. Em poucos dias, inúmeras pessoas utilizaram a hashtag para relatar situações vividas em visitas a consultórios médicos, ambulatórios ou



hospitais. A campanha sustenta a existência de um discurso gordofóbico “disfarçado” de preocupação com a saúde.

Partindo disso, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista, buscaremos compreender como os diferentes sentidos sobre o corpo gordo, em disputa, afetam os processos de subjetivação dos sujeitos gordos. Para tanto, utilizaremos como *corpus* para análise relatos publicados na rede social virtual Instagram, nas quais sujeitos narram suas vivências e impressões sobre o discurso médico e também sobre seu próprio corpo. Nos ancoramos em tal perspectiva teórica porque a AD nos permite olhar, pelo viés do discurso, a subjetividade em sua dupla constituição: em sua singularidade – considerando a subjetividade determinada pelo Inconsciente – e no plano social – observando a forma como o histórico e o político afetam os processos de subjetivação.

2. METODOLOGIA

Orlandi (2017, p.10) acentua, ao falar da pesquisa em Análise de Discurso, que se trata de uma ciência na qual a análise precede a própria teoria, uma vez que o primeiro gesto do analista é, justamente, a escolha do objeto de análise e é nesse processo, então, que a teoria “vai-se impondo”. Não há uma metodologia pronta que sirva de instrumento para o analista e que se adapte a todo discurso. Analisar um discurso pela perspectiva materialista exige do analista a construção de um dispositivo de interpretação, que se vai constituindo em uma relação dialética entre análise do objeto e teoria. Como o trabalho aqui apresentado está em fase de desenvolvimento, portanto, nosso dispositivo analítico está se constituindo junto com o processo de análise. Nos deteremos, nesta seção, em apresentar alguns procedimentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

O arquivo da pesquisa, aqui entendido “em sentido amplo como campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59), é composto por um conjunto de relatos publicados na rede social virtual Instagram. Quando falamos de discursos produzidos no ciberespaço, precisamos levar em consideração a singularidade do seu processo de circulação, pois isso tem implicações no processo de construção do arquivo e delimitação do *corpus*. Os relatos selecionados para a presente pesquisa provêm de três processos diferentes de circulação: I) relatos coletados pela comunicadora Flávia Duarte e compartilhados em sua conta pessoal do Instagram; II) comentários de postagens sobre gordofobia médica no perfil da ativista Malu Jimenez, no Instagram; III) postagens realizadas em perfis de diversos usuários reunidas pela hashtag #gordofobiamédica. É importante destacar as diferenças no processo de formulação e circulação dos relatos que compõem o arquivo pois, embora todos os relatos estejam relacionados por tratar de questões em comum, as diferentes condições de produção produzem efeitos na constituição dos sentidos nas materialidades em análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atual momento de desenvolvimento da pesquisa, estamos nos debruçando sobre algumas sequências discursivas (SD), recortadas dos relatos em análise, que apresentam como regularidade linguística a presença de orações subordinadas condicionais. Como exemplo, temos a SD1: *Levei minha filha na*



época com 13 anos na ginecologista para exames de rotina e a Dra gritou para todo mundo ouvir “**se emagrecer** todos os problemas se acabam”, e a SD2: [...] fui a ginecologista pq tenho OP e ela me encaminhou pro endocrinologista e todas as vezes que ia na consulta ele dizia que eu ia morrer **se não emagrecesse**.

Para fins de análise, organizamos as sequências discursivas (SDs) que apresentam oração subordinada adverbial condicional em dois grupos. O grupo 1 é composto pelas SDs nas quais a condicional é organizada em torno de uma possibilidade afirmativa – como exemplo, a SD1. Nessas sequências, emagrecer está diretamente relacionado a algum “benefício”, isto é, emagrecer é apresentado como condição para que o sujeito alcance algum objetivo. Já nas SDs que compõem o grupo 2, a sentença condicional vem organizada em torno de uma negação – como exemplo, a SD2. Nesse caso, temos o oposto, pois não emagrecer é colocado como condição para o sujeito que, caso resista a adequar seu corpo à norma, sofrerá com algum problema desencadeado pelo excesso de peso.

O funcionamento desses discursos, linearizados via oração condicional, aponta para a relação entre corpo e subjetividade imposta na formação social atual. O corpo, nesse sentido, aparece como condição de vida ou de morte para os sujeitos. Submeter-se à normalização dos corpos, nesse caso marcada pela prática de emagrecimento, torna-se um imperativo para a vida. Imperativo sustentado pela evidência do discurso dos médicos como “intermediários obrigatórios da gestão dos corpos” na atualidade (MOULIN, 2011, p. 18).

Não podemos deixar de considerar, contudo, que a normatização e controle aqui destacados não se dão sem que haja resistência dos corpos normatizados e controlados. Os relatos que compõem o arquivo da presente pesquisa podem ser pensados como marcas dessa resistência que se inscrevem pela palavra e no corpo. Tendo isso em vista, temos proposto articular a discussão em questão à complexa teorização sobre testemunho, uma vez que os relatos aqui apresentados apontam para uma urgência do dizer, e, assim, resistir frente a um projeto de extermínio dos corpos gordos.

4. CONCLUSÕES

Por se tratar de um trabalho em desenvolvimento, não podemos apresentar, ainda, conclusões, mas já é possível destacar quão produtivos os discursos sobre a gordofobia médica são para pensar as relações entre corpo e discurso pela perspectiva materialista. Observar a forma singular como o sujeito gordo se relaciona com seu corpo, somada à discussão sobre a normatização dos corpos operada pelo aparelho ideológico de estado médico (ALTHUSSER, [1971] 2013), nos dá subsídios para avançar na teorização sobre o lugar do corpo no quadro teórico da Análise de Discurso e sobre a relação entre Inconsciente e Ideologia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. [1971]. In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da Ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: As mutações do olhar: Século XX. 4^a edição. Petrópolis: Vozes, 2011.



ORLANDI, E. P. O objeto da ciência também merece que se lute por ele. In: MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso:** (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2017. p. 9-14.

PÊCHEUX,M. Ler o arquivo hoje. [1982]. In: ORLANDI, E. P. (org). **Gestos de Leitura:** da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 4^a edição. p. 57-67.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade.** São Paulo: Editora Senac, 2013.